

A RAZÃO

Director e Editor: Dr. David de Oliveira

SEMENARIO REPUBLICANO

N.º 19 DO 2.º ANO

Redacção e Administração: R. de FRANCISCO AGRA, 8

Guimarães, 1 de Junho de 1924

Composição e impressão: RUA DE GIL VICENTE, 34
MINERVA RIBEIRO. — Guimarães

Palavras de um Artista

Defendendo o que é nosso

«A nós vimaranenses compete-nos, pelos antecedentes, defender a sério o patrimonio local».

Continuam uns certos señhores a tripudiar desta terra, esbulhando a sistematicamente daquilo que ela ainda tem de melhor, sem que alguém de autoridade official com isso se preocupe.

E, neste rapido leilão de desfazer de feira, desprezando as tradições de um povo por muitos titulos conhecido, pretendem arrebatá-lhe, mentindo e sofismando a Lei, uns restos de documentação de estudo e de regionalismo, utilisaveis pelo seu sabór local, em installações de futuros museus.

Assim o quer a Comissão Central de Execução da Lei de Separação, anexa ao ministerio da Justiça, chamando, por INGENUIDADE, moveis aos imoveis, o que, neste caso, nos faz desconfiar do zelo e legalidade de tal Comissão de defesa, que, mais legitimamente, deve ligar-se á alçada do ministerio das Finanças.

Assim, pois, se prepara o assaio para liquidar em almoceda vil o cadeiral e o rico altar grande com caprichosa

sa talha», de Santa Clara, conforme o annunciam, sem consideração pelos direitos que a estes objectos tem uma cidade que para si os reclama como seus e com o valor indiscutível de serem obra dos seus antepassados.

Guimarães muito se exaltaria aos olhos dos extranhos se o bom senso e o patriotismo proporcionasse á Sociedade Martins Sarmento o aproveitamento dessa rica e caprichosa talha para servir de fundo a emoldurar as joias que constituem o tesouro da Oliveira, pois que, tal como este se encontra instalado, devido á subserviência da mesma Comissão, só nos envergonha perante os forasteiros cultos.

Se a Comissão Central tem a seu cuidado o patrimonio artistico nacional, a nós vimaranenses compete-nos, pelos antecedentes da mesma, defender a sério o patrimonio local e perguntar-lhe pela cruz de Tagilde.

JOSÉ DE PINA.

Necessidade

da criação dum corpo de policia nesta cidade

Tumultuam os arruaceiros, scenas indecorosas se presenciavam, ouvem-se as mais fétidas obscenidades, sem que as autoridades pánham ou possam pôr cõro ás lacanhas da discórdia.

Toda a cidade é o enorme vasadoiro da imundice dos seus habitantes.

Caca por todos os lados e estercor por todos os cantos; em cada esquina um mictorio, em cada canto uma cloaca.

Os jardins são maltratados, as flores são arrancadas, as lampadas de iluminação publica são partidas á pedrada.

Não há moral, não há hygiene, não há amor ao belo—apesar de todas as afirmações do sr. A. L. de Carvalho.

Urge a criação imediata dum corpo de policia, chefiado por

um chefe autentico, mas policia que o seja de verdade, homens escolhidos, homens sem passado escuro e aos quais seja garantida a independencia economica para que não sejam subornados. Uma policia que o seja de verdade para que fiscalize a moral, os costumes e a hygiene dos habitantes de Guimarães.

Se houvesse uma boa policia, certamente a estas horas não funcionariam as casas de batota que, com consentimento das autoridades, funcionam.

Temos por certo que o sr. Administrador já teria mandado fechá-las porque já não precisaria do auxilio que certamente lhe não prestam.

Pelo bem da nossa terra, pelo sua sanidade moral e material, urge a criação imediata dum corpo de policia nesta cidade.

Que a imprensa local nos ajude nesta justa campanha, e venceremos.

CRONICAS DA VIDA

Ao amigo José F. R. Gomes.

—O que é a Vida?!... Eu sei lá... Perguntava-me Jorge de Ataide, numa maganda gargalhada sonora e melancolica como o mar nas suas horas de tristeza e de saudade—gargalhada cheinha de lágrimas da alma. E repetia: o que é a Vida?! A Vida... — eu sei lá! Talvez que seja assim como que uma coisa que os olhos veem sem poderem palpar—leves sombras femininas bailando, errantes, a horas mortas, pelo «ceram» das esquinas, ou, ainda, se quizerem, uma espécie de loteria que, como a mulher, raras vezes nós dá... a terminação, porque a «sorte» é só para os que compram por junto... O que é a Vida?! Não é coisa nenhuma: não é nada e do Nada vive a vida efémera do Prazer e dos Sentidos. A Vida... Eu não sei bem o que isso seja. Que os outros pensem o contrário, pouco se me dá, mas eu continuo a afirmar—que paradoxo!—que a Vida é tudo e é nada: Não tem idade, nem morada certa. Leva a vida em toda a parte, em toda a parte se lumenta e ri, julga e é ré. Prostituta e virgem—traz o rosto coberto para melhor enganar o Tempo e a Humanidade. Passam os anos e os séculos sobre ela; e, até hoje, ninguém soube dizer-me algo de verdade. E' como as coisas mudas que se tocam pesadamente sem se queixarem... Já fidaram a uma Mulher da Vida? Interrogou-na. Ela lhea responderá que a Vida é luma, que tem apenas luma, que é como ela—que não pode ter alma— a Vida imaterial e real dos séros perfeitos: Beleza, Arte, Musica e Poesia...

Jorge, olhos já encaçados daquela noite passada entre a graca e o vinho, descaçou a cubeca tormentosa sobre o braço esquerdo apoiado na mesa do gabinete reservado nos noctivagos.

Todos saem, em bicha, nos bicos dos pés. Todos? Não. Fiquei eu para ouvir o seu despertar.

Um galo canta, próximo, e-preguiçando-se e batendo as asas fortemente. Cinco horas... novas. Jorge acordou e, num salto que me espantou, tomou-me o braço, disse-me ao ouvido: A Vida não é mais do que um cálice de cocainas para fazer sonhar o espirito dos que, como eu, levam a Vida a enganar-se a si próprios.

E' que Jorge do Atai'e tem o defeito de beber, aos goles, o nectar delicioso da Morte—nas horas mortas do Prazer—entre as mulheres e os seus perfumes...

AFONSO FRANÇA.

Subscrição

Iniciada pelo nosso jornal, tendente a auxiliar financeiramente a gloriosa jornada de Brito Pais e Sarmento Beires

Transporte...	1.204,750
Dr. David d'Oliveira.	15,000
Adelino Joaquim Neves	20,000
Joaquim Ribeiro Mariano Sabão	2,000
Soma...	1.242,750

Propagai «A Razão»

MÃOS DE LUAR

Mãos de luar, hieráticas, nocturnas, mãos feitas p'ra tanger baladas de viro em harpas, baladas que são gritos, pérolas em ruínas, ondas dolentes, oscilando escarpas...

Mãos de luar, de santa, mãos fidalgas, como estrofes divinas de popeias, mãos colantes, meigas como as algas roçando pelo corpo das sereias!

Mãos postas a rezar, em orações á Vida, tingidas de mistério, de bondade! Mãos de luar, de estátua dolorida, Mãos que, na escuridão, exalam claridade!

Quando eu morrer, que um gesto de piedade, dessas mãos mais nevadas do que o arminho, me cerre os olhos vitreos, com carinho, sem desespero, apenas com saudade!

Porque esse instante, esse minuto, quando, no peito nos repousa, enfim o coração, é como labareda oculta rebrilhando, aima liberta, em flôr... — Ressurreição!

Nessas horas, que a dôr, oh minha amiga! te não envolva em noites taciturnas. Seja teu gesto a curva que me abriga, mãos de luar, hieráticas, nocturnas!

Sarmento de Beires.

Caixa Geral dos Depositos

«Os serviços da Caixa, sempre crescentes em vastidão, complexidade e aperfeiçoamento, continuam a corresponder aos intuitos da sua criação, prestando ao publico os mais assinalados serviços e vantagens, e produzindo para o Estado rendimentos avultados; não falando no cabedal de prestigio resultante do zelo da sua administração.»

Eis o que o Conselho de Administração tem o desvanecimento de submeter á apreciação do Ex.º Conselho Fiscal, das entidades officiais e do publico em geral, certo de que o gresso desta instituição ha-de sugerir no espirito dos homens de Estado a ideia de uma obra ainda mais grandiosa — remate natural do verdadeiro, do unico estabelecimento publico de crédito nacional.»

O Conselho de Administração.

Parecer do Conselho Fiscal

«As contas apresentadas pelo Conselho de Administração da C. G. de Depositos, referentes á gerencia do ano económico de 1922-23, são uma eloquente afirmação da importância e progressivo desenvolvimento daquelle prestante instituição de crédito, e uma prova convincente de que

lhe está reservado, sem duvida, e exercer, em futuro não remoto, na vida financeira do Estado e na situação económica do País, uma acção de regeneração que liberte a Nação da crise tremenda que, nos últimos anos apóz a grande guerra, o assoberba e ferozmente domina.

Assim o saibam compreender os nossos homens publicos e todos os bons patriotas, assegurando-lhe e marcando-lhe com firmeza a posição grandiosa, verdadeira e prestante que de facto lhe deve caber como estabelecimento publico de crédito nacional, conforme a aspiração formulada pelo seu esclarecido Conselho de Administração na parte final do relatório que precede aquelas contas. Em verdade, tempo é de agir, aproveitando para tanto com a sábia prudência e cívica firmeza, o que de bom e util para esse fim existe, tirando para fóra do dominio da finança privada, os privilegios e lucros que ao País devem caber pela organização do seu Banco do Estado.»

Sabemos que o digno Delegado do Governo da Republica, Ex.º Sr. Dr. Guilhermino Rodrigues, tem sido incançavel e energico em combater a prostituição que pela cidade campeava. Achanos acertada a medida e oxalá S. Ex.ª possa extinguir de todo esse cancro moral.

«A Razão» felicita e cumprimenta S. Ex.ª.

OS "SCOUTS CATÓLICOS,"

... E agora que está generalizado o debate, peço a palavra.

— Presados leitores! Cumprimo, antes de mais nada, prevenir-vos de que não venho aqui impingir «Balsamo turco» e muito menos dar remédio para a solitária ou para o crescimento de florestas de cabelo em cocos pelados; que não venho, também, com pó de «pim-pim-pim» misturados com «flúvios magnéticos e ípnóticos», por em K. O. as vossas consciências, nem tampouco falar acerca dos milagres de N. S. de Matosinhos a quem certo devoto ofereceu há tempos uma perna de cêra pelo facto de ter caído dum quinto andar ao chão da rua e ter partido somente um péna podendo ter partido as duas. — Nada disso. — Também não pretendo misturar-me na célebre questão — tratada por um (quasi doutor!) quintista de medicina, numa tese leza acerca das virtudes médico-cirurgião milagrosas do H₂O canonizada de Lourdes. — Nem por sombras quero também re-firir-me aos progressos galopantes da célebre *Legião Vermelha*, agenciada abertamente *Humanitaria* como todos devem conhecer, para não vos levar á pituitaria cheiro tresandante a gente morta. — Falar do «Património artístico da minha nobre e vetusta cidade de Guimarães», para quê, se o sr. A. L. de Carvalho tomou isso por conta e, com unhas e dentes, se tem a tirado inexoravelmente contra *vandalos, alanos e suevos!* (isto aqui para nós: as gazetas atiram-se a ele A. L. nestes termos: «e na igreja se praticam alguns vandalismos, como o sr. Carvalho pretendo fazer crer, invocando um officio do director do Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa, só poderia ter sido o sr. Carvalho quem os praticasse»). E esta?! *O raio diabolico* que o sabio Matthews descobriu e com o qual pode assegurar á «Entente» o poder impôr a paz (sem ser do Ganga...) a todo o mundo e, ainda por cima, curar o cancro... da sociedade depois de morta, também não é para aqui chamado para o meu assunto. Nem tampouco me occuparei da justiça «Soviética» que mandou desta para melhor mais duma dúzia de magistrados, por estes terem posto em liberdade varios presos a tiro duns garrafõesinhos de vinho... (o que é a sede!) — Do falado movimento militar e da entr'vista concedida por um graduado ao jornal «A Tarde», nada tenho também a dizer porquanto já dizia Campo Amôr: «as glórias do maior militar não valem a vida dum rancheiro».

De grêves não quero occupar-me porquanto estão por assim dizer, todas... furadas e, além disso, no que respeita a G. e T., *maiorais e minorais* se não seguem viagem a caminho da solução nem em 1.^a, nem em 2.^a ou 3.^a, acabarão por seguir todos na *plataforma*, na forma do costume. — De subsistências, finanças, economias etc. etc. ... atreda! está tudo economisando, financeiramente, as subsistências da melhor forma que pode. Adiante.

Mas, positivamente, tenho de aterrar. O caminho por onde tenho ido não me leva onde pretendo chegar. A propósito: Mac Laren não pode prosseguir na sua viagem á volta do mundo porque o aparelho já deu o que tinha a dar.

Mas... ah! já sei! Onde eu queria chegar era nem mais nem menos aos «Scouts Católicos», melhor, á sua razão de ser ou não ser... eis a questão.

No regulamento geral interno da «União dos Aduceiros de Por-

tugal» (aprovado em 17 de novembro de 1919) podemos ler a página 12, art.º 12.º, o seguinte:—A Junta Regional pode permitir a formação de grupos confessionais de aduceiros, mas não permitirá na sede de nenhum grupo discussões politicas ou religiosas.»

Está certo. Em face do regulamento da União dos Aduceiros de Portugal, os «Scouts Católicos» tem, de facto, licença de existir. Qual é, porém, a razão da sua existência?

Se essa razão existe, alguém que na opinião pois é uma obra de misericórdia ensinar os ignorantes.

Na «promessa» o aduceiro diz: juro pela minha honra: 1.º — Cumprir os meus deveres para comigo mesmo; 2.º — Cumprir os deveres para com a família, a minha Patria e a Humanidade; 3.º — Cumprir inteira e fielmente os mandamentos do Aduceiro. Ora, «os mandamentos do Aduceiro», são: 1.º Ter uma só pávra; 2.º — Ser fiel e respeitoso das convicções de outrem; 3.º — Tornar-se util, esforçando-se por praticar cada dia uma boa acção; 4.º — Ser amigo de todos e irmão de todos os outros aduceiros; 5.º — Ser cortês e servicial; 6.º — Ser bom para os animais; 7.º — Ser corajoso; 8.º — Ser trabalhador, tenaz e perseverante; 9.º — Ser económico; 10.º — Ser limpo do corpo, pensamentos, palavras e actos.

Como disse, em face do regulamento da U. dos A. de P., os aduceiros catolicos podem existir. Mas, pergunto: devem existir? Para quê?

Não será porventura moral, humana, tolerante e social a maneira como se acha constituída a U. dos A. de Portugal? Para que, pois, grupos confessionais?

Quanto a mim, tais grupos não passam de *pleonasmos* intencionais, com fins inconfessáveis.

Vejam: estará realmente reconhecido que as igrejas são poucas, os padres maus e as famílias imorais?

Estará também reconhecido que há mais dum Deus e mais duma moral? Será, por acaso, uma e a mesma coisa — soma e divisão? Serão as religiões a base da moral ou será a moral base das religiões? Será ou não verdade que a moral publica (moral que abrange todos) proibe a divisão em castas? E' ou não verdade que a moral religiosa consagra castas e raças, separando os cidadãos em religiosos e laicos e estes ainda em apóstatas, heréticos, escismáticos e infieis? E' ou não verdade que as religiões estabelecem a divisão desde o nascimento entre os filhos da mesma Patria, da mesma terra? E' ou não verdade ser tirânica a moral religiosa e, sendo tirânica, é ou não anti-social? Poder-se-há conseguir atingir internacionalisar o «Scouting» dividindo-o, criando dentro dele castas, infraternizando os seus adeptos? E' ou não verdade que o próprio filósofo da Judé pregou: «Amai-vos uns aos outros»? E' ou não verdade que os falsos praticantes das suas doutrinas, ontem como hoje, prôgam, em vez de amor, ódio e vingança?

Se o «scouting» independente de confissão religiosa é ou não é humano, moral, tolerante e social, admitindo no seu seio todos os individuos, sem buscar saber das suas crenças politicas e religiosas?

Será ou não intolerante, desumano, imoral e i-social o «scouting» confessional, que exclue do seu seio todos os individuos que não leem pela mesma cartilha?

Em face do regulamento geral da U. dos A. de Portugal, os

Em defesa do Liceu Central de Martins Sarmento

Reuniram, no passado dia 23, no salão nobre da Sociedade Martins Sarmento, a Associação Commercial, professores do Liceu Academia, colectividades, imprensa e diversas entidades, para se tratar da defesa do Liceu Central de Martins Sarmento.

Usou da palavra, em primeiro lugar, o Ex.^{mo} Sr. Dr. Ednardo d'Almeida, illustre presidente da S. M. S., que fez uma exposição circunstanciada do nosso Liceu, terminando por dizer ser de inteira justiça que o Liceu Central de Martins Sarmento se mantenha como até aqui, atendendo a que a sua frequência é superior á de outros liceus que continuam com o seu curso de Letras.

Falaram ainda sobre o assunto os Ex.^{mos} Srs. Dias Pinheiro, professor do Liceu, e Rocha dos Santos, apresentando esta uma proposta no sentido da Direcção da S. M. S. se entender com a Camara e esta, por sua vez, com os deputados deste circulo, pedindo-lhes evidem os seus esforços em favor dos interesses desta cidade, isto é, para que se conserve o curso complementar de Letras.

Foi aprovada por unanimidade.

Crónica Sportiva

O «Académico» do Porto vence o «Victoria» de Guimarães por 5 a 2.

No passado dia 25 de Maio, realizou-se, no Campo José Minotes, o desafio entre o «Académico» do Porto e o «Victoria Sport Club» desta cidade.

Alinhados, Coube a saída do jogo ao «Victoria» pelas 15 e 15, o que foi logo interrompido por 2 minutos, como manifestação de pesar pela morte do jogador deste grupo, Vicente Pinto de Faria. Acabada a cerimonia, o «Académico» começa logo a dominar, devido talvez ao peso e á má colocação dos *players* do «Victoria». E assim, decorridos 12^{os} minutos, Armando de Freitas consegue fazer uma avancada — a mais bela da tarde — e com a ajuda do meia ponta, Artur, envia o esférico ás rédes do «Académico» marcando o 1.^o goal para o «Victoria». Bola ao centro, e o «Académico» acentua mais as suas investidas no campo do «Victoria», conseguindo a 30^{os} de jogo estabelecer o empate.

No 2.^o tempo, o «Académico» investe mais rijamente o campo do adversario e consegue, decorridos poucos minutos, enviar a bola ás rédes do «Victoria» marcando o 2.^o goal. Bola posta em jogo, 4^{os} minutos são necessários para encerrar o seu 3.^o e 4.^o goal.

O jogo agora divide-se, muitas bolas fora, alguma violencia. Armando conseguindo passar a linha dos meias defesas, passa a bola á ponta esquerda, Evaristo, que, por ter batido num defesa do «Académico», se vai alojar nas rédes deste. Logo a seguir o «Académico» marca o seu 5.^o goal e, até final, o jogo parece equilibrar-se.

A arbitragem confiada a Antonio Neves Eugenio agradou.

Do «Victoria» ha a salientar o guarda rédes, Gervasio, que tem feito progressos consideraveis e o defesa, Augusto Mendes.

Do «Académico», os melhores foram: Falcão, médio-centro, e rosa, avançado-centro.

SIUL.

«scouts católicos» tem licença de existir. Em face, porém, da moral publica, não podem, nem devem existir. E por hoje, basta.

Trincafra les.

V. Ex.^a precisa comprar um serviço para jantar, chá ou lavatório?...

RECOMENDA-SE A

Antiga Louçaria Rezende

DE

Manuel R. Ferreira da Costa

Rua da Assunção, 38 — PORTO.

Desconto aos Revendedores.

Instrução Primária

Movimento oficial

Está em pagamento o ordenado dos srs. Professores, relativo ao mês de Abril.

A folha de Maio não veio ainda, repetindo-se o costume atrazo.

Festa Nacional de Educação Física

No passado domingo, 25, realizou-se no Campo José Minotes, a Festa Nacional de Educação Física.

Os estudantes do nosso Liceu executaram varios exercicios de ginástica, os quais foram muito apreciados pela assistencia.

Ao seu professor, sr. Major Francisco Ferreira, as nossas felicitações.

Abrilhou esta festa a excelente Banda Regimental, desta cidade, sob a regencia do sr. Tenente Ribeiro Dantas, que executou varios trechos de música.

Suicidio

Ontem, por volta das 10 horas, começou a circular na cidade a noticia de que um individuo se suicidara por meio de estrangulamento.

Infelizmente, a noticia era verdadeira. Chamava-se Augusto Magalhães, honesto trabalhador. Mestre de carpinteiro, o infeliz tresloucado deixa viuva e filhos de tenra idade, dizendo-se que de ha muito trazia a ideia do suicidio.

Auferia bom salario, ignorando-se por isso as causas da sua alucinação.

A triste occorrença levou á sua residencia na rua de Francisco Agra, muito povo que, sentido e penalizado, lamentava a loucura do infeliz Augusto Magalhães.

ANUNCIO

Éditos de 30 dias

(2.^a Publicação)

Correm no Juizo de Direito desta comarca, citando Manuel de Souza da Cos-

ta, solteiro, maior de 18 anos de idade, ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para assistir a todos os termos até final do inventário orfanológico a que se procede por óbito de seu pai Antonio de Sousa da Costa, morador que foi na freguesia de Salvador de Briteiros, desta comarca, e no qual é inventariante a viuva que do mesmo ficou, Maria Gomes, da referida freguesia, e deduzir os seus direitos, querendo, sendo esta citação sem prejuizo do andamento do mencionado inventário.

Guimarães, 10 de Maio de 1924.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Amadeu G. Guimarães.

O escrivão-ajudante,

Antonio Pereira.

Leilão

Nos locais e dias abaixo indicados se procederá á venda em hasta pública, com todas as formalidades, dos moveis, utensilios e alfaias que se descrevem.

NO PORTO:

No dia 29 de Maio, pelas 13 horas, nos claustros da Sé do Porto, dum bufete grande e de 5 bancos compridos, com costas, pés entalhados;

No mesmo dia, pelas 14 horas, na antiga capela de S. Sebastião, sita na rua Escuro, dum altar de talha dourada, duma sineta, duma porta de grade de ferro, etc;

No mesmo dia, pelas 15 horas, no edificio da Tutoria da Infancia, ás Aguas Ferreas, de diversos utensilios, paramentos e alfaias e dum bom trem (coupe).

EM BRAGA

No dia 31 de Maio, pelas 13 horas, no edificio do antigo Seminário, actual Regimento de Infantaria n.º 29, dum grande fogão, estufa, depósito, cofre e bomba, tudo de ferro, duas camas de madeira, uma cadeira com obra de talha e uma sineta.

EM GUIMARÃES

No dia 1 de Junho, pelas 13 horas, no edificio da antiga igreja de Santa Clara, de diversos moveis, utensilios e alfaias do culto, 3 sinos grandes, mesa de marmore trabalhado, imansens, galerias entalhadas, diversos altares, pequenos, de talha, um rico altar grande com caprichosa obra de talha, azulejos, etc.